

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 174

06 de outubro de 2012

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos inscritos no Curso Online de Filosofia.

O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.

Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Esta aula está sendo transmitida junto com a última aula do curso “Princípios e métodos da auto-educação”, mas como o tema reservado para hoje – a sobrevivência do estudante num ambiente hostil – não decorre do que foi dado nas aulas do curso, mas é de considerações gerais, que valem para quem assistiu o curso e para quem não assistiu, então é isso que nós vamos fazer hoje. Só que eu gostaria que esta aula fosse mais à base de perguntas e respostas. Devem ter sobrado muitas perguntas que podem ser enfocadas dentro desta perspectiva – perguntas que sejam a respeito do que eu dei nas aulas, mas que vocês enquadrem dentro deste tema da sobrevivência do estudante num ambiente hostil. Eu acho que qualquer dos temas que nós explicamos aqui pode perfeitamente ser articulado com este assunto. O pessoal que está assistindo *online* também já pode enviar as perguntas desde já.

Aluno: Diante de algumas exposições que eu já ouvi o senhor falando ao longo de todo o curso – quando o senhor falava do aluno universitário que encontra professores medíocres ou abaixo da crítica – o senhor diz: “Enfrente-os, mostre a eles que eles estão em grau inferior, e persiga você os seus objetivos”. A minha vida inteira eu sempre tive uma postura pessoal muito enfrentadora da sociedade, muito enfrentadora de professores, eu era o tipo de pessoa que, por meus próprios meios, muito antes de conhecer o senhor, eu já fazia coisas desse tipo, e eu era malquisto por isso. Eu era malquisto pelos professores; eu era malquisto pelos colegas: “Poxa, o professor vai ficar com raiva de você e ele vai querer descontar na turma inteira; não fale, não o enfrente”. E é uma coisa agonizante você tentar prevalecer num ambiente culturalmente fraco. E, infelizmente, muitas pessoas aqui, muitos colegas, enfrentam um ambiente hostil – aliás, é o tema de hoje. Então eu pergunto ao senhor... Certamente o senhor já falou coisas que me levaram a crer que o senhor apóia o enfrentamento, a forma do indivíduo fazer valer a sua busca sincera pelo conhecimento. Diante desses conselhos, o senhor recomendaria o quê? A pessoa realmente enfrentar? Porque enfrentar já dificulta bastante. Eu reconheço que um soldado que não demonstra que ele está tentando tomar o ponto, se ele consegue furtivamente ir chegando, ele consegue. Mas há pessoas que não têm temperamento para isso. Se o senhor puder dar alguma

luz, alguma dica, alguma maneira, qualquer tipo de coisa, eu gostaria de saber o que o senhor tem a me oferecer nesse sentido.

Olavo: Esta pergunta é extremamente importante para a situação brasileira. Vocês não podem esquecer que hoje aqueles que governam o Brasil, que são, por assim dizer, a classe dominante e que, portanto, constituem também a camada mais influente entre os professores universitários, são todos estudantes rebeldes dos anos 60. E tão logo esses estudantes rebeldes tiveram os meios de decidir o curso dos acontecimentos, eles impuseram um ambiente de controle, de repressão e terror psicológico, que é exatamente o contrário de tudo o que eles apregoavam nos anos 60. Então, desde logo, eles têm esse ponto fraco: eles querem que as pessoas se comportem exatamente ao contrário do modo como eles se comportaram. O que demonstra claramente que eles não tinham nenhum amor à liberdade como tal, mas apenas a determinados pontos da sua própria ideologia e que só usavam a liberdade para impor esses pontos. Então a liberdade para eles foi meramente instrumental. Mas todos eles, de algum modo, têm o rabo preso com as suas alegações libertárias dos anos 60 e você pode pegá-los precisamente por aí. Isto quer dizer que, se você se comportar como eles – como eles se comportaram nos anos 60 – eles ficam desguarnecidos, eles não sabem o que fazer porque, de certo modo, é a sombra deles mesmos que se projeta sobre as suas pessoas hoje. Em segundo lugar, eles sabem que esse ambiente de disciplina quase clerical que eles estão impondo, eles sabem que tudo isso é falso. Não tem um deles que tem segurança daquilo que está fazendo. Tudo isso é um blefe, não é um sistema repressivo real porque não há punições efetivas, não há praticamente nada que um professor possa fazer contra você. E se fizer você pode recorrer à justiça, e ele certamente vai perder.

Tudo é feito na base da intimidação implícita e do blefe. É fazer as pessoas ficarem com medo de uma coisa que elas não sabem exatamente o que é. E como não há uma ameaça explícita, então tudo fica por conta da imaginação de cada um. E quanto mais imaginária é a ameaça, pior ela lhe parece. Se você fizer uma ameaça explícita – “se você me fizer tal coisa, eu lhe bato” –, você tem mais ou menos como se precaver contra uma agressão física. Ou disser: “eu o expulso da escola”. Sempre que houver uma ameaça clara e explícita, você tem meios de defesa. Mas como é uma coisa difusa, você está apenas se defendendo contra coisas que estão na sua imaginação; contra suposições. Por incrível que pareça, este é o método mais eficiente [00:10] de intimidar as pessoas porque são elas mesmas que estão se intimidando; são elas mesmas que estão amarrando as suas próprias mãos. Isto quer dizer que se você cair neste engodo desde o início, você estará prejudicando a sua própria percepção da realidade; você estará permitindo que uma faixa de perigos imaginários se sobreponha à sua percepção da realidade. E isto vai lhe trazer um dano para o resto de sua vida. Isto quer dizer que você se acostumou a ter a conduta histérica na qual você acredita no que você imagina e não naquilo que você está realmente vendo. Porque se você pensar assim: quantas pessoas foram punidas nesta escola por isso ou por aquilo? Ninguém foi punido por nada! O que aconteceu *realmente* de mal para as pessoas? Falaram mal delas, olharam torto... Mas tudo isso ainda está no campo das insinuações e das ameaças implícitas. Não há um perigo objetivo, real. E se você aceita entrar dentro dessa fantasia intimidatória, você já lesou a sua inteligência; você já consentiu em entrar num mecanismo histérico. Isso é claramente a propagação de uma histeria.

Note bem que o Dr. Andrew Lobaczewsky, no livro *Political Ponerology*, explica que quando um grupo de psicopatas toma o poder e tem o comando das coisas, então se espalha entre os seus seguidores e entre o público em geral a conduta histérica. Quer dizer: os psicopatas estão em cima e os histéricos estão embaixo. E o histérico é o sujeito que vive no mundo imaginário. Então, se você caiu nessa, você já está entrando na conduta, senão histérica, pelo menos histeriforme e você vai se acostumar com ela. E eu acho que isso é incompatível com uma vida intelectual séria. Na vida intelectual, em primeiro lugar, você tem de tentar desenvolver ao máximo o seu senso da realidade efetiva e de distinguir o que está acontecendo do que você está supondo. Quer dizer: a diferença entre a conduta saudável e a histérica é que o homem saudável gradua a sua reação pela situação real, portanto gradua o medo pelo tamanho real da ameaça. E o histérico faz ao contrário: ele gradua a imagem da ameaça pelo temor que ele sente: como ele está com medo, ele supõe que a ameaça seja muito grande. E existem meios de você infundir essa conduta numa coletividade inteira, e é o que está sendo feito em todas as universidades hoje. Quando eu vejo a conduta dos universitários hoje, ela se parece com a conduta de alunos da escola primária do meu tempo. Os alunos do primário eram todos bonzinhos, obedientes, quietinhos e, quando chegavam à universidade, era todo mundo rebelde, todo mundo falava grosso, não respeitava ninguém, era até insolente. E hoje em dia está o contrário: você vê pessoas de vinte, até trinta anos, se comportando como se fossem garotinhos de sete ou oito, intimidados no seu canto e temendo coisas que não vão acontecer e que, se acontecer, não tem importância nenhuma.

O problema não é saber se você vai enfrentar, se você vai brigar: não é este o ponto. O ponto é você não deixar a sua mente ser moldada por essa conduta. Nem sempre a conduta provém da sua mente: às vezes, ao contrário, a conduta vai moldar a sua mente. Quer dizer: você agiu de tal ou qual maneira, e daí você ajusta os seus pensamentos e as suas reações de certo modo, para justificar aquilo. Hoje em dia há pesquisas – está até no livro do Pascal Bernardini; ele menciona isso – mostrando que se você faz uma pessoa se comportar de tal ou qual maneira que contraria os princípios e valores dela, em oitenta e dois por cento dos casos esses princípios e valores serão mudados em seguida, mesmo que a conduta seja puramente imitativa. Você não pode esquecer que a conduta tem uma presença física, ao passo que o que está na mente é apenas um fluxo mais ou menos informe de imagens, sons etc. A conduta real tem um peso maior do que o pensamento, então você ajusta o pensamento *ex post facto* para justificar a sua conduta; e aí, pronto!, você já está mudado. Não deixe que isso aconteça. Se isso acontece uma, duas, três vezes, pronto, você está lesado. Você reagir de outra maneira preservará a sua mente. É este o ponto. E se para você se defender disso for conveniente uma conduta mais auto-afirmativa, não hesite em fazer isso, mesmo porque você vai estourar o blefe. Eu estou dizendo: é blefe em cem por cento dos casos; não há nada que eles possam fazer contra você.

Mas nós estamos num ponto hoje em dia, no Brasil, que as pessoas têm medo de que os outros falem mal delas, ou que olhem feio. É um show de covardia como eu nunca esperei ver na minha vida. Eu cheguei à idade madura nos anos 60 e, na época, certa dose de coragem era normal. E, no meio universitário, a atitude rebelde e insolente também era normal. Era praticamente obrigatória! Não que isso fosse necessariamente bom, porque o

problema não é saber se você é respeitador ou desrespeitador, mas o que você está respeitando. Quer dizer: você não respeitar o que não merece é desrespeitar o que merece. Então o problema não está tanto na conduta, mas em quais são os valores que estão em jogo. Por outro lado, vocês não esqueçam que nós não estamos aqui criando uma geração de militantes ou combatentes – não é este o nosso objetivo – nós queremos apenas criar uma geração de estudiosos e intelectuais sérios. E para isso a coisa mais importante é você preservar a integridade da sua mente, a integridade da sua consciência, sem a qual não existe vida intelectual séria. Então, para preservar isso, realmente vale tudo, até mesmo você sofrer um dano social. Mesmo que seja um dano social real, vale a pena. Porque não esqueça que a sua posição social vai passar, ela é sempre momentânea, mas você vai continuar existindo.

Também não se pode esquecer que se o ambiente geral da sociedade brasileira não fosse hostil à vida intelectual, essa destruição da alta cultura que houve no Brasil não poderia ter acontecido. O simples fato de não existir mais alta cultura já mostra que o mar não está para peixe. Quer dizer: ninguém está a fim de que eu cresça e me afirme na vida intelectual; ninguém quer isso: existe uma hostilidade profunda ao conhecimento, à busca da verdade. No Brasil, o máximo que se vê de atitude pública são tomadas de posições emocionais: é o “contra ou a favor”, é o “gostar ou não gostar”. Praticamente as pessoas só abrem a boca para fazer isso. Por exemplo: agora está havendo toda uma discussão aí porque saiu a condenação do José Dirceu – há pessoas que estão aplaudindo e há pessoas que estão revoltadas – mas na discussão não aparece a substância do negócio: ele cometeu o crime ou não? Qual é a lei? Você não precisa ter raiva ou amor pelo José Dirceu para tomar uma decisão desta. Este é um problema objetivo. É claro que uma condenação ou absolvição pode ter conseqüências políticas que serão consideradas agradáveis ou desagradáveis, mas não se pode julgar a substância do problema pelas suas eventuais conseqüências agradáveis ou desagradáveis. É a mesma coisa que você ir ao médico, ele lhe dá um diagnóstico, você está com uma doença x ou y, e você fica bravo porque o médico o deprimiu. Se você está com câncer pouco importa, porque você pode estar estourando de felicidade e você vai morrer do mesmo jeito. Quer dizer: a ênfase no aspecto emocional é excessiva no Brasil. [00:20] E o aspecto emocional sempre vem acompanhado da idéia de condenação ou de louvor. Eu vejo, por exemplo, tudo o que eu escrevo, noventa por cento das pessoas interpretam como uma tomada de posição a favor ou contra. E a toda hora perguntam para mim se eu estou a favor ou contra determinada coisa, como se fosse normal e obrigatório você ter uma posição a favor ou contra tudo. Então, as emoções de amor e ódio predominam sobre tudo o mais. E isto também é altamente lesivo à sua inteligência.

A ênfase emocional no que quer que seja implica um investimento de energia; energia até física. Gasta as pessoas. Então, quanto mais coisas você puder encarar sem um envolvimento emocional, melhor para você: você está se poupando. É aquela observação do Whitall Perry, quando esteve aqui: “Os brasileiros são muito nervosos”. E eu disse: “são mesmo.” É uma coisa que chama a atenção do estrangeiro: todo mundo está com os nervos à flor da pele o tempo todo. E naturalmente as pessoas têm uma tendência enorme de se sentir ofendidas, magoadas. É um investimento tremendo de energia emocional que não serve para absolutamente nada. Deveriam reservar as suas reações emocionais para aquilo que tem realmente um significado emocional; uma importância muito grande. Todo o nosso aparato emocional nos dá uma

medida do nosso estado emocional naquele momento: o que nós chamamos emoção, sentimento etc. A emoção jamais lhe indica o que está acontecendo, mas indica em que estado você está. Por exemplo: se você está com medo, isto não quer dizer que haja uma ameaça real, mas quer dizer simplesmente que você está com medo. Se você está alegre, entusiástico ou se sentindo muito animado e corajoso, isto não quer dizer que você realmente esteja tão bem quanto lhe parece. O estado emocional só indica o estado emocional, não indica mais nada. Então isto quer dizer que se você se deixa guiar na vida pelo o que você está sentindo, você vai errar praticamente sempre. Você tem de distinguir o sentir, a emoção, do que é o perceber. Se aquilo que você percebeu, tão logo começou a perceber, já vem a emoção em cima, daí para diante o que você está percebendo é a sua emoção, e não o que está acontecendo.

Uma das maneiras de você contornar isso é desenvolver mais o senso da curiosidade: antes de reagir favoravelmente ou desfavoravelmente, você quer saber o que é. O que também não deixa de ser uma emoção: a curiosidade é uma motivação forte. Mas incrivelmente nós vemos que esse senso da curiosidade – que na infância é muito grande; é muito intenso – logo acaba, e as pessoas não querem saber mais nada. Chega um ponto onde fechou, toda a vida interior da pessoa circula na base da repetição, da busca das emoções agradáveis ou desagradáveis. Vocês não podem esquecer que o agradável ou o desagradável vem das esferas mais baixas do psiquismo humano: a nossa mente animal, o nosso cérebro animal, só pensa nas seguintes coisas: comida, sexo e agressão ou fuga. É só isso! Ele não conhece mais nada além disso! E se você pensar bem e examinar a conduta das pessoas em torno, você vai ver que ela é praticamente determinada só por isso, às vezes a vida inteira do sujeito.

Hoje eu e a Roxane estávamos examinando o currículo de um sujeito, que é um teólogo luterano gayzista, e por ali se vê que a carreira acadêmica do sujeito é inteiramente feita de trabalhos sobre gayzismo. Isto significa que o impulso sexual dele é a chave para toda a atitude dele em todos os domínios da vida: não há nada que não esteja colorido por isto. É por isso que eu digo: a pessoa gay, homossexual, pode ser uma pessoa normal e equilibrada? Pode. Mas um gayzista não pode. Ser homossexual é doença mental? Não. Mas ser gayzista é doença mental, obviamente, porque o sujeito só pensa naquilo; aquilo é a chave de tudo. Quando o normal na vida é você ter muitas chaves diferentes para muitas coisas: às vezes você age por curiosidade, às vezes você age por interesse financeiro, às vezes você age por uma ambição política, às vezes você age em função de valores morais religiosos, às vezes você age em função de uma ideologia. Quer dizer: você tem um conjunto de chaves complexas e às vezes elas não combinam entre si. Por exemplo: o sujeito pode gostar de certas coisas e ao mesmo tempo aderir a valores morais religiosos que são contra aquilo; isto é normal no ser humano. Mas a partir do momento que o sujeito vira um teórico gayzista, um teórico feminista ou qualquer coisa assim, tudo será decidido em função da sua inclinação sexual. Você acha que isso é normal?

Por exemplo, a história dos homossexuais de antigamente. Considere um dos homossexuais mais célebres da história: André Gide. Ele era realmente tarado, porém ele tinha outras chaves de interesse como, por exemplo, uma consciência artística altamente desenvolvida. Quer dizer que no campo literário

ele faria as suas escolhas em função dos valores estéticos e literários a que ele tinha aderido, e não em função da sua inclinação homossexual. Ele não deixaria que ela predominasse. Também tinha uma consciência moral do dever do intelectual muito aguçada; tanto que, quando ele ganhou uma viagem para a URSS – ele era um simpatizante da esquerda e deram-lhe uma viagem para a URSS –, chegou lá, observou e viu que as coisas estavam muito ruins na URSS, então ele, desagradando aos seus beneficiários, escreveu o livro *Retorno da União Soviética*, que descrevia todos os horrores daquele negócio. Ele fez isto por quê? Por uma consciência intelectual do dever: não porque aquilo fosse conveniente ao seu homossexualismo; não tinha nada a ver com homossexualismo; a situação era ruim para todos e assim por diante. Então você vê que o indivíduo tem várias chaves de condutas que são diferentes e que, inclusive, são contraditórias entre si, como todo ser humano normal.

Agora, quando você observa a conduta dos líderes gayzista, o seu impulso sexual determina todas as suas idéias, todos os seus valores, toda a sua atuação pública. Ou seja: não tem nada que ele faça que seja contra o homossexualismo. Jamais! Como é possível uma coisa desta? Então é claro que é um indivíduo monomaníaco; é a idéia fixa, como se chamava antigamente. Quando esse tipo de pessoas sobe na sociedade, o que acontece? Eles impõem aos outros certas situações onde você tem de escolher obedecê-las ou seguir a sua própria consciência. Ou seja: você vai agir em função do que você está vendo e do que você sabe ou do que elas mandaram. Se você está vendo uma coisa e o sujeito lhe manda ver outra, e você por medo obedece, você [00:30] já entrou na conduta histérica automaticamente. É o negócio do Groucho Marx: “Afim, você acredita em mim ou nos seus próprios olhos?”. E isto está sendo imposto a todo o país vai fazer pelo menos dez anos.

Por exemplo, eu não consigo ver um travesti ou um transexual sem me lembrar de que ele está modelando a sua conduta por um estereótipo feminino. Sim ou não? Estou errado? Eu estou vendo isso com os meus próprios olhos. E ao mesmo tempo está todo esse pessoal gayzista fazendo discurso contra os estereótipos do masculino e do feminino. Eu digo: você está fazendo um discurso contra uma condição sem a qual você não poderia ser o que você quer ser. Então é o tal negócio: você vai crer em mim ou nos seus próprios olhos. Você está falando contra o estereótipo, mas eu estou vendo que você precisa dele.

Aluno: Muito mais do que homem e mulher.

Olavo: Muito mais do que homem e mulher, claro. Homem ou mulher heterossexual não precisa copiar um estereótipo para ser o que é. O sujeito não vai falar: “Ah, agora eu quero ser transexual e agora eu vou copiar aqui o vestuário e os gestos do sargento da PM”, ele não vai fazer isso. Então, isto quer dizer que a vida imaginária toda dele, a conduta dele, é toda baseada no estereótipo; estereótipo que ele mesmo diz que foi inventado para reprimi-lo. É claro que tudo isso é um teatro, tudo isso é histeria, e esta histeria é imposta às pessoas. Na hora que você aceita isto, não se trata de uma contradição lógica, e sim de uma contradição na esfera da percepção. Se fosse uma contradição lógica, não teria problema, nós vivemos cheios de contradição lógica na cabeça. Quer dizer: eu posso ter pensamentos contraditórios; mas eu não posso ter ações contraditórias; eu não posso fazer e não fazer uma coisa

ao mesmo tempo; eu não possa estar copiando um estereótipo e tentando destruí-lo ao mesmo tempo: se eu estou copiando, eu o estou reforçando.

Esse é só um exemplo de como você pode impor a toda uma população uma sintomatologia histórica. E a partir da hora que você entrou na histeria, a sua vida intelectual acabou. Quando nós usamos o termo, por exemplo, imbecilização, não é um modo de dizer, é por assim dizer um termo técnico: isso realmente imbeciliza as pessoas. E o histórico é eminentemente um imbecil: ele não sabe o que está se passando, ele não sabe o que ele sente, ele não sabe o que ele vê, ele só sabe o que ele imagina.

Aluno: O senhor tem alguma dica, tem algo para falar sobre a memória nos estudos? Como lidar com a memória dos assuntos e a perda dos conhecimentos que já se teve?

Olavo: Do ponto de vista meramente prático, sem analisar a coisa em profundidade, não é preciso ser muito inteligente para perceber que a memória deriva imediatamente do interesse. As coisas que realmente chamam a atenção, pelas quais você realmente se interessa, são difíceis de esquecer: você não consegue esquecer. Então por que fazer da memória um problema em si mesma? Veja que todos os cursos de memória que existem, inclusive o mais maravilhoso de todos que é o do Dominic O'Brien, todos eles existem para você decorar coisas que você não quer decorar; coisas que não têm importância nenhuma. O O'Brien chega numa sala, apresentam a ele duzentas pessoas e ele em seguida diz o nome das duzentas; dão uma lista de dois mil números para ele, em desordem, em seguida ele repete a lista inteira. Para que serve isso? Ele não tem nenhum interesse naqueles números; aquilo não significa nada para ele. Então é simplesmente esta parte mecânica da memória. Isso é bom? Depende para quê. Existem profissões onde você é obrigado a decorar isso. Vamos supor: você trabalha no serviço secreto e tem dois minutos para entrar no escritório do inimigo, abrir o relatório e guardá-lo na cabeça. Ótimo! Você vai precisar fazer isso. Mas para a vida intelectual mesmo, eu, sinceramente, duvido de que isso sirva para alguma coisa.

Eu fiz alguns exercícios do Dominic O'Brien: são maravilhosos! Agora, quando que eu uso isso na minha vida prática? Nunca! Não me lembro de ter dito, por exemplo... Estou lendo aqui um livro e falo: vou usar a técnica do Dominic O'Brien para decorar aqui a *Crítica da Razão Pura*. Não faz sentido! Em geral essas coisas servem para informações superficiais — informação de pouco valor informativo — e que o melhor que você tem a fazer com elas em seguida é esquecê-las. O Dominic O'Brien sabe o nome das duzentas pessoas depois que lhe apresentaram. Mas durante quanto tempo ele conserva isso na memória? Ele vai ficar o resto da vida pensando nos nomes daqueles duzentos desgraçados que ele nunca mais vai ver e que ele nem sabe quem são? É informação de pouco valor. Para informações de pouco valor é realmente necessária a técnica, justamente porque elas não têm interesse em si; elas não são focos de atração por si mesmas. Então, só se preocupe com técnicas de memória se realmente você precisar disto.

Dizem que o Otto Maria Carpeaux praticava muito essas coisas e que ele tinha sempre medo de perder a sua capacidade intelectual, então vivia treinando certas coisas. Eu duvido que isso tenha interferido realmente, porque o Otto Maria Carpeaux, nos anos finais de vida, teve um declínio intelectual

monstruoso que durou vinte anos com as técnicas e tudo. Por que ele teve? Porque entrou na situação histórica. O Carlos Heitor Cony conta que o Otto Maria Carpeaux rezava escondido, porque naquele meio dele era considerado feio rezar, então ele rezava escondido. Pronto, já entrou na histeria: você não é mais você mesmo, você está vendo uma coisa e dizendo outra. Isso aí destrói a inteligência.

É isso o que eu estou dizendo: não entrem em situações existenciais contraditórias; aprendam a distinguir, portanto, o que é uma mera contradição lógica do que é uma contradição objetiva, contradição real, sobretudo contradições de atitudes: você ter de fazer uma coisa, fingindo que está fazendo outra. A nossa capacidade para fazer isto é diminuta; é muito reduzida: você pode fazer uma vez, duas, e olhe lá. O fingimento: você guarda o fingimento para situações extremas. Por exemplo: se há um membro da sua família que é louco, psicótico, você não vai se comportar com ele com toda a sinceridade, abrir o seu coração e falar com ele como se fosse uma pessoa normal. Se tiver um ladrão assaltando-o, se a sua casa é assaltada, você é obrigado a mentir. A mentira, o fingimento é um recurso de sobrevivência mesmo. Mas só nessas horas. Se você não tem risco de vida, não finja.

Então, você vê que o Carpeaux tinha a consciência de que ele estava em declínio; ele se apegava àqueles exercícios mnemônicos como uma tábua de salvação. Mas isso não o salvou. Se você ler o livro que ele escreveu sobre o Alceu Amoroso Limaⁱⁱ (foi o último livro dele), o livro é tão ruim, mas tão ruim, mas tão ruim, que eu o considero uma obra de puxa-saquismo acadêmico. Só! Não tem mais nada! Como é que aquele homem que escreveu aquelas coisas maravilhosas quarenta anos atrás, pode fazer uma besteira dessa? Era a contradição existencial. Na hora que o fingimento se incorpora na sua maneira de ser, você é histérico. E histeria é doença: você não pode esquecer isto.

A melhor coisa para conservar a integridade da inteligência, da memória etc. é a verdadeira sinceridade, não só nas suas palavras, mas nas suas atitudes. Sinceridade para com você mesmo e sinceridade para com Deus. Isto é coisa básica, porque aí [00:40] você está colocado no centro da sua vida: você fala sempre com o coração na mão. Então aquilo que você sabe, você sabe e aquilo que você não sabe, você não sabe. Não permita entrar esse elemento de fingimento que quebra a sua integridade.

Aluno: O método da confissão?

Olavo: O método da confissão é o que realmente funciona. É claro que isso aí implica, ao longo da vida, você ter muitas decepções consigo mesmo. Mas as suas decepções não serão tão grandes quanto você imagina. Por exemplo, uma coisa que todo mundo deveria pensar: quais foram as deficiências da minha educação doméstica que introduziram na minha personalidade vícios e deformidades? Por exemplo: na casa onde você foi criado as pessoas gritavam? Se elas faziam isso, então você já pegou um vício. Na família onde você foi criado as pessoas gostavam de fazer você se sentir culpado para, através da culpa, obter de você tal ou qual conduta? Se fizeram isso, você já pegou um hábito e vai fazer a mesma coisa com os outros para o resto da sua vida. No Brasil isso é muito comum. É uma chantagem emocional, evidentemente. Então quando percebe: eu fui criado dentro de um ambiente de chantagem emocional e eu mesmo me tornei um chantagista sem perceber.

Esta revisão um dia você tem de fazer da sua vida. Não é possível a vida intelectual sem você pegar toda a personalidade que foi formada na infância, na família, na escola etc. e refazer tudo. É tudo mesmo! Dizer: eu aprendi a ser assim e eu sou assim, mas eu não quero ser assim, eu vou ser de outro jeito.

Isto também quer dizer que vai ser muito difícil você ser de outro jeito com as mesmas pessoas. Você vai ter de treinar em outro ambiente, com outras pessoas, porque, quando você voltar ao mesmo ambiente, elas conviveram com você na mesma chave de antigamente e vai voltar todo o vício. Isto implica, às vezes, você ter de se manter um pouco longe do ambiente originário, sem brigar com ninguém. Nunca brigue com seu pai e com sua mãe: dá um azar desgraçado! Porque o pai e a mãe não existem fora de você: eles são elementos da sua personalidade. Você está brigando com eles, mas você está cuspidando em você mesmo. Você não percebe, mas é o que está acontecendo. Quanto mais você os xingar, mais você vai repetir os vícios deles. Então, você só vai se livrar disso, cumprindo o mandamento: honrar pai e mãe. Não importa, pode ser o pior pai ou mãe do mundo, você tem de dizer que eles são maravilhosos, que você tem toda a gratidão do mundo, porque, por pior que eles sejam, o bem que eles fizeram predominou. Se não predominasse, você teria morrido. “Ah, eles fizeram tal coisa”; só que o seguinte: comida eles lhe deram todos os dias. Comida, casa para morar, não deram todo dia? Então quer dizer que o bem sempre predominou sobre o mal. E como você acredita que esse bem é seu direito, então você não vê mérito naquilo. Mas, quem disse que é seu direito? Se você disser: “Meu pai me abandonou logo que eu nasci; ele não fez nada por mim”. Ele gerou você, não? Ou foi você quem se gerou sozinho? Então no mínimo, no mínimo, o que seu pai fez por você é isso. O mínimo que ele pode ter feito. Ele consentiu em servir de causa instrumental para você vir à existência. Ele não tinha nenhuma obrigação de fazer isso. Aliás, até podia ter caído outro espermatozóide lá. Então eu digo: afastar-se, às vezes, por uma questão de profilaxia; para você não se acostumar com aquelas pautas de condutas que já estão consolidadas numa convivência viciosa. Só por isto. Mas continuar tratando com respeito. Brigou com pai e mãe, você não se livra deles nunca!

Aluno: Quando a pessoa enfrenta o sistema no ambiente culturalmente hostil, normalmente o que há de se esperar é que ela consiga, quando consegue, se defender, e apenas a si mesmo. Dificilmente uma pessoa vai conseguir, na minha opinião, se defender e ainda conseguir mudar o sistema daquela posição desvantajosa, enquanto aluno no ambiente hostil. A pergunta é: o senhor considera, diante do nosso cenário — que o senhor mais de uma vez já expôs que é um cenário ruim e desvantajoso nas nossas universidades — o senhor vislumbra uma possibilidade de mudar o cenário? Ou o senhor acha que as pessoas devem erguer seus escudos e simplesmente, como uma ostra, impedirem de ser atingidas, mas sem condição nenhuma de lutar contra aquilo que torna o ambiente efetivamente hostil, e fazerem se valer, para mudar, do próprio ambiente e continuarem sendo parte do ambiente? Que o enfrentamento, se eu não consegui me expressar bem, eu o enxergo, mesmo para o estudante obstinado pelo conhecimento, vai levá-lo a uma condição que eu enxergo como uma concha, na qual ele pode inclusive se defender daqueles que querem oprimi-lo e ser uma grande pessoa dentro dessa concha. Mas ele não consegue convencer as pessoas medíocres de que elas são medíocres e de que o ambiente como um todo precisa mudar. Então enquanto ele está

preocupado em não tomar porrada, ele não consegue fazer o ambiente mudar, e a porrada é o que prevalece.

Olavo: A resposta que eu vou dar pode parecer estranha, mas, se você quer mudar o sistema, você é escravo dele; você está vivendo em função dele. Então, importante não é mudar o sistema, é você criar outro sistema para você mesmo e dizer: “Eu vivo no meu sistema: o seu é irreal. Ou seja: estão todos vivendo uma peça de teatro, e eu sai da peça de teatro. Eu não reajo de acordo com as pautas de condutas que são as suas; as minhas motivações não são as suas; vocês não vão compreender o que estou fazendo e eu estou pouco me lixando se vocês compreendem ou não”. Então não se trata de mudar o sistema, mas de substituí-lo por outra coisa na sua esfera de existência. A partir da hora que você faz isso, você adquire um poder extraordinário.

Agora, para mudar o sistema, você tem de mudar a cabeça das pessoas. Você só pode mudar a cabeça de uma pessoa que peça para você mudá-la, como vocês vieram aqui pedir para eu fazer isso. Se o sujeito não quer, não há nada que eu possa fazer. Se eu sei que aquilo que eu estou oferecendo é melhor do que o que existe por aí, então com toda boa consciência eu passo para as pessoas, ensino etc. Mas se eu quiser mudar o sistema, então eu estou querendo mudar a cabeça de todo mundo. Para você mudar a cabeça de todo mundo, seria preciso que você fosse maior do que o sistema inteiro. E a maior parte das pessoas que se aventuram a fazer isso não são maiores do que o sistema; elas são menores do que ele, elas estão desajustadas, mal ajustadas e são fracassadas dentro dele. É por isso que nunca houve no mundo uma revolução da qual resultasse alguma coisa boa. Se o sujeito disser: a Revolução Americana! A Revolução Americana não foi uma revolução, foi uma guerra de independência; é outra coisa completamente diferente. Eles não estavam fazendo aquilo para mudar a sociedade. Ao contrário: eles estavam resistindo a mudanças. Então a Revolução Americana não serve. Mas você estuda a Revolução Francesa, a Revolução Mexicana, a Revolução Russa, a Revolução Chinesa, a Revolução Cubana e vê o que resultou. Sempre foi mais miséria, mais opressão, mas sofrimento, porque se trata de pessoas que estão abaixo da moralidade social e, quando elas sobem ao poder, a moralidade social vai baixar necessariamente porque elas vão passar a ser o novo padrão.

Isso, não só revoluções violentas, mas a simples... Você vê a ascensão ao poder [00:50] do PT no Brasil. O PT fez carreira como o partido da moral e dos costumes; era o grande partido acusador. Tão logo ele chegou ao poder, ele multiplicou a corrupção por mil. Eu sabia que ele ia fazer isso. Por quê? Porque eu já estudei: eu sei que é sempre assim. Agora, o pessoal acreditou. Esses casos como o Mensalão, Carlinhos Cachoeira etc., tudo isso era inevitável; absolutamente inevitável. Por quê? Você vê que pessoas como Lula, José Dirceu, Mercadante e outros não eram capazes de se comportar de acordo com a moralidade da sociedade onde eles viviam: eles estavam abaixo do padrão. Então, se eles sobem, o que acontece? A moralidade cai e fica implantado um novo sistema que é modelado por eles; onde eles são a medida. Então entra aquele haicai do Antônio Machado:

*“Cuán difícil es,
Cuando todo baja,
No bajar también.”*

Todo mundo vai estragar — a não ser aquele que tenha construído para si o seu sistema. O que a Bíblia diz? Tem lá a expressão “caminhar diante de Deus”. Então, se você faz de Deus o seu interlocutor, a sua plateia; se você diz “eu estou agindo diante d’Ele; eu quero agradar a Ele e a mais ninguém”, pronto, você já está numa chave que as pessoas em volta não podem atingir, porque elas estão a fim de agradar o patrão, o chefe, o grupo de amigos etc. Agradar a Deus não é difícil porque Deus não exige tanta perfeição: os seres humanos é que exigem. Qualquer porcariazinha que você faz, Deus aplaude. O verdadeiro amor a Deus é tê-Lo como referência constante; é você pensar assim: “É o Teu sorriso que eu quero; é a Tua aprovação que eu quero”. É só isso! Pronto! Você já está fora do sistema. As outras pessoas não vão entender o que você está fazendo, mas elas não precisam entender e é bom que então entendam. Então não se trata de mudar o sistema, trata-se de você se sobrepor a ele, pendurando-se numa dimensão superior onde o sistema não atinge. É a fórmula mais velha do mundo. Se você ler no Novo Testamento os Atos dos Apóstolos e outros, você verá que aquela conduta dos apóstolos o pessoal em volta explicava das maneiras mais extravagantes; eles não entendiam. O próprio Jesus Cristo: as hipóteses mais incríveis que as pessoas faziam para explicar o que Jesus Cristo estava fazendo! E Ele estava fazendo apenas uma coisa: ele estava fazendo o que o Pai dele mandou fazer. Era muito simples: não precisava ficar pensando muito.

Mas é importante que essa dimensão que eu estou falando não seja uma dimensão religiosa no sentido social da coisa, porque daí você começa a querer agradar a comunidade religiosa, parecer bonitinho na frente do padre etc. Não! Eu estou falando que o negócio é com Deus; é no segredo da sua consciência. E lhe digo mais: não é possível você fazer isso e agradar a comunidade religiosa ao mesmo tempo, porque a comunidade religiosa é constituída de um por cento de religião e noventa e nove por cento de fofoca; fofoca, exibicionismo etc. Realmente você tem de depender de Deus. Se Deus quiser que as pessoas gostem de você, elas vão gostar; se Ele quiser botar todo mundo contra, Ele vai botar; mas você tem de dizer: “Não tem importância, se Você está do meu lado, os outros todos podem ficar contra, que não vai me acontecer nada.” Esta é a chave para você se sobrepor a qualquer pressão do ambiente, mesmo quando a pressão é real. Os casos de pessoas que resistiram à opressão e à tortura nessa base são muitos. Eu não digo que nós possamos resistir a isso: os caras me jogarem numa fogueira e eu dizer que não estou nem aí porque Deus está comigo, eu não sei, nós não temos qualidade para isso, e por isso mesmo Deus não nos expôs a esse desafio. Mas se você ler, por exemplo, aquele livro *O Diário da Felicidade*: é um judeu que foi preso e, na cadeia, se converteu, virou monge ortodoxo e resistiu a sofrimentos, torturas, durante anos a fio, e estava feliz no meio daquilo. Ou a história do pastor Richard Wurmbrand. Há milhares de histórias como essas. Ora, se dá para resistir até a uma pressão real física, a um perigo real e iminente, por que não dá para resistir a essas insinuações, a esses olhares, a essas ameaças veladas etc.? Claro que dá! Não só dá, como, eu digo, esse é um prazer extraordinário. Você conhece a expressão “estou cagando e andando”? Mas é assim mesmo, não por uma afetação de superioridade, é porque você realmente não está ligando.

Se for afetação de superioridade, então se você quer ser superior a uma pessoa, é porque ela é muito importante para você. Eu não sei se eu sou superior ou inferior ao cara: eu não estou pensando nele. Eu estou aqui, eu

tenho a minha platéia, tenho o meu juiz, tenho uma pessoa a quem eu quero agradar: os outros, eu não sei. Agradando a Ele você agrada àqueles que O amam verdadeiramente. E O amam bastante gente! Você não vai ficar sozinho.

Mas essa revisão dos maus hábitos de infância, isso é obrigatório para todo mundo.

Por exemplo: quando eu era moleque, eu era terrivelmente mentiroso e manipulador, porque eu era um sujeito que estava doente, estava ferrado, estava em inferioridade numérica e física, então a mentira e a manipulação me pareciam uma coisa legítima. Só que depois eu sarei, fiquei saudável, forte etc. e continuei com aquela porcaria. Eu falei: não, agora acabou a brincadeira; um dia você tem de parar com isso. Você leu aquele artigo que eu escrevi da testemunha solitária, a história do Albert Schweitzer?¹ Ele era pequenininho e um mosquito ou pernilongo, um inseto qualquer, picou o dedo dele e ele começou a chorar. Daí veio a mãe e tia, pegaram-no no colo, e daí a dor já tinha passado, não estava doendo mais nada, mas ele falou: “Vou continuar chorando para eles prestarem atenção em mim”. Só que depois ele percebeu que estava fazendo isso e ficou morrendo de vergonha. Faça a revisão das vezes que você fez isso: onde você fingiu certa emoção, não porque você realmente a tivesse, mas porque ela ia exercer um certo efeito sobre os outros. Isso é você se limpar. Mas não desde o ponto de vista de regras morais. Não: apenas do ponto de vista da inteireza, da integridade e centralidade da sua conduta. A conduta que não vem diretamente do coração, ela vem da periferia. E a periferia é constituída de um monte de personalidadezinhas imitativas que nós fomos criando ao longo do tempo para agradar ou manipular pessoas.

Aluno: Quando é criança, é normal.

Olavo: Quando é criança, é normal. Claro, a criança, tudo o que ela aprende é por imitação.

Aluno: Até para manipular.

Olavo: Até para manipular. É importante que a criança aprenda a manipular; você sabe que isto tem de existir. Mas depois que você passa da adolescência, você fala: “agora eu vou fazer a seleção do que eu quero mesmo ou se eu vou continuar com essa palhaçada, fazendo-me de criança pelo resto da vida”. Um dos motivos dessas pessoas não se livrarem disso é porque a educação brasileira é muito exigente em cima das crianças pequenas e muito frouxa com os adolescentes e adultos jovens, quando deveria ser exatamente o contrário. Uma vez [1:00] o Orlando Villas-Bôasⁱⁱⁱ, o indigenista, me contou que, em várias tribos de índios do Xingu, até os sete anos as crianças podem fazer tudo o que quiserem. Ele disse que teve um garoto que tocou fogo na aldeia: o pessoal saiu para pescar, saiu todo mundo, ficou ele e mais meia dúzia de moleques, e tocou fogo. Quando chegaram, as choças: não tinha mais nada. O que os adultos fizeram? Morreram de dar risada e botaram no garoto o apelido de Capitão Fumaça; isso foi tudo. É por isso que tem uma baixa incidência de neurose entre os índios do Xingu. Neurose, criminalidade, é pouquíssima.

¹ <http://www.olavodecarvalho.org/semana/testemunhas.htm>

Mas eu vejo assim: as crianças nascem, no dia seguinte já vem uma disciplina tremenda que diz o que o sujeito tem de vestir, o que ele tem de comer, a hora que tem de dormir e isso, e mais aquilo, e mais aquilo, e mais aquilo, e se o sujeito falha, leva uma bronca. Isso realmente não é normal. Agora, quando ele chega aos quatorze anos e começa a falar grosso, toda a família baixa a cabeça perante ele.

Aluno: Entrando nessa questão da disciplina, até quantos anos a educação disciplinar é válida para uma criança?

Olavo: Eu acho que só se tem de introduzir disciplina na criança naquilo que é eminentemente repetitivo e que só pode ser adquirido mediante repetição. Por exemplo: alfabetização da criança. Não tem outro jeito senão uma tremenda decoreba; e ela não vai querer fazer a decoreba, então você vai ter de forçar o bichinho e fazê-lo, ficar ali... Só que você só vai fazer isso quando ele tiver seis, sete anos; não antes. À medida que ele vai crescendo, a capacidade que ele tem de arcar com exigências disciplinares aumenta, então você tem de tirar proveito disso. Mas tentar treinar as crianças desde pequenininhas para isso ou para aquilo? A criança não tem nem tempo de crescer, de se desenvolver. Uma criança pequena é como se fosse uma geléia: ela não tem um formato definido, é você que está enquadrando isso nela. Então eu pergunto: quais são os valores fundamentais que você quer passar para ela?

Veja: a criança, quando nasce, não sabe nada. O órgão de conhecimento dela é você, é através de você que ela vai conhecer as coisas, então o que ela vai saber é aquilo que você sabe. Então você, evidentemente, vai ser o modelo. Por exemplo: na nossa sociedade existe um mito de que as crianças são eminentemente desobedientes. Eu digo: isto é absolutamente impossível, porque a criança não sabe o que fazer; ela não tem as idéias próprias dela: são as suas idéias que estão passando para ela. Então a criança, ao contrário, tem um instinto de obediência, de imitação e de seguir o pai e a mãe. E outra coisa: ela não tem uma distinção clara entre o que é ela e o que é você: as emoções se mesclam. Por exemplo, para você dar uma bronca numa pessoa, ela precisa ter uma idéia clara do limite da responsabilidade dela: eu fiz isso, mais aquilo, mais aquilo, e este sujeito está me dando uma bronca por isso. A criança pequena não tem essa distinção; ela não sabe se foi ela quem fez aquilo ou não; ela não tem uma clara consciência de *eu* que lhe permita assumir a autoria das suas ações. Então quando você pergunta para uma criança de três ou quatro anos, “foi você que fez isso?” e ela diz “não”, ela não está mentindo, ela não sabe que foi ela, porque, para saber isso, ela precisa ter uma clara noção de *eu* e de responsabilidade pessoal; e ela não tem ainda. Crianças pequenas não mentem, elas falam o que elas sabem, e o que elas sabem é enormemente confuso. Como o padrão de referência (a medida que ela tem) é você, ela vai aprender a fazer o que você faz. Então se ela quebrou não sei o quê, e você dá uma bronca nela, ela não aprende a não quebrar aquela coisa, ela aprende a dar bronca. Por isso mesmo que eu recomendo aos pais que têm criança: não dêem bronca nenhuma numa criança pequena; só fale doce, faça carinho, esteja sempre do lado dela, dê sempre razão para ela. Quando ela começar a ter uma consciência mais clara de *eu*, daí sim você introduz: você fez tal ou qual coisa. Mas não antes dos cinco anos.

Aluno: Algum livro faz diferença?

Olavo: Tudo o que eu li sobre educação de criança só me fez mal. Nos anos 60 tinha muito isso: tinha tanto psicólogo, tinha o Dr. Spock^{iv}, tinham tantos conselheiros educacionais. Tudo o que eles ensinaram deu errado, criou uma geração de delinquentes, malucos, drogados... Não deve ser bom.

Aluno: Uma coisa que você falou lá atrás, de que o imaginário da criança é muito importante ser desenvolvido. Contar histórias...

Olavo: Contar estórias para a criança, isso é muito importante. Uma tradição literária: você ler poemas para ela. Poemas que estejam, evidentemente, à altura da compreensão dela. Mas hoje a televisão faz isso; você não precisa fazer mais. Mas eu não estou só falando isso para a educação das crianças, mas para a sua retro-educação.

Aluno: Eu tenho outra questão ainda vinculada ao ambiente hostil, que é uma percepção minha. Eu a levo ao encontro de uma célebre frase sua: “Cala boca, burro”. Ela é muito própria por ela combater um ambiente culturalmente hostil, que é um ambiente culturalmente fraco, ao demonstrar para a outra pessoa o tamanho da estupidez do que ela está falando. Porque quando você deixa – ainda que passivamente, para não criticar – uma idéia errada seguir em frente, esta idéia errada passa a morar naquele ambiente e a ser uma coisa comum e comumente aceita. E com isso a pessoa acaba vendo o ambiente ao seu redor se degradar por não combater coisas que aparentemente seriam até pequenas. Mas as pequenas vão se somando e vão tomando o espaço que pessoas brilhantes já não vão mais conseguir ocupar. Algumas pessoas me acusam de não ter o senso das proporções e de discutir com pessoas que não têm o nível intelectual avançado, e discutir coisas que são completamente alheias à sua capacidade. Mas infelizmente elas falam e ocupam espaço. Acho que foi uma das razões pelas quais a situação atual chegou ao ponto em que hoje está.

Se eu puder contar uma história rápida para situar. Eu, certa vez, vi uma discussão na qual um professor levantou a importância que ele considerava a algum mecanismo melhor engendrado para a proteção de propriedade intelectual do que é produzido por um aluno. Não só o professor merece o crédito pelas pesquisas, mas o aluno também tem uma propriedade intelectual com as suas criações. E neste momento um funcionário técnico-administrativo falou: “E quem é que vai brigar pela propriedade intelectual dos funcionários técnico-administrativos?”. Ou seja, ele não faz idéia do que é propriedade intelectual, o funcionário técnico-administrativo não tem um papel na pesquisa científica, quem tem papel é quem está pesquisando efetivamente: professor e aluno. Então eu tive o ímpeto de criticar, de me insurgir contra aquela pessoa e colocá-la no seu lugar, o seu famoso “cala boca, burro”, [mas] claro que com meu próprio estilo. E os meus colegas falaram: “Mas você vai se rebaixar, vai discutir com ele?”. Infelizmente essas pessoas têm direito a voto, e a universidade vai se degradando inclusive com voto de gente que diz isso. Eu queria a sua opinião.

Outro aluno: Tem uma pergunta aqui no chat que eu acho que tem um pouco a ver: Estou fazendo o curso “Consciência de Imortalidade” e, lá na aula 05, o professor diz: “Contra a afetação de superioridade você tem de mostrar superioridade, e não afetar superioridade”. Tendo em vista o conselho de abstinência de opiniões, não é bom considerarmos a possibilidade real de não

estarmos preparados para desmascarar o farsante, mesmo sabendo que é farsa?

Olavo: Isso aí acontece, mas você vai ter de graduar a coisa em função de dois critérios: o primeiro critério é se o indivíduo está dizendo besteira apenas num círculo de convivência pessoal, por exemplo, em família ou num grupo de amigos; ou se ele está fazendo aquilo já numa posição de profissional que está falando para a sociedade humana, como parece ser o caso do exemplo que ele deu – que é uma discussão numa universidade. No primeiro caso, eu recomendo: esqueça. Não fique entrando em briga de botequim, em conversa de discussão doméstica, a não ser que isso seja necessário.

Havia um grupo de amigos nossos, judeus, lá do Paraná, e nós íamos sempre à casa deles; eles faziam o *shabat* e nós participávamos do *shabat*. E tinha um parente da dona da casa que falava besteira pra caramba. Ele tinha assistido ao filme “O Código Da Vinci” e acreditava naquilo tudo, tinha lido mais não sei o quê e tal, estava falando besteira... e eu quieto. Eu falava: “Está bem; está tudo, tudo bem”. Daí a dona da casa pediu: “Você não pode dar um jeito nele, por favor?”, e perguntei: “Você quer mesmo? Tem certeza?”. Daí, a pedidos, eu demonstrei que o sujeito era uma besta quadrada; não sabia de nada. Mas foi só porque pediram, normalmente eu ficaria quieto.

Mas, por exemplo, se é numa escola, num debate público, aí você tem de interferir.

E a abstinência de opiniões não quer dizer abstinência de conhecimentos. Não estou pedindo para você dar sua opinião: estou dizendo para você dizer coisas que você sabe. Você entra no terreno da opinião quando não se trata de uma matéria de conhecimento, onde você pode preferir x ou y. Mas tem coisas que você não pode preferir; você não pode preferir que $2+2$ seja 5. Não é para você participar de discussões em geral, mas quando for necessário quebrar o falso prestígio de um erro monstruoso, de uma mentira, não hesite em fazê-lo. Mas não busque essas situações: fuja delas. Fuja delas, sabendo da sua força: “eu não vou entrar na discussão porque, se eu entrar, eu vou humilhar o cara”. Então, precisa ver se essa humilhação será boa para ele ou pelo menos para os outros; se será útil nessa circunstância ou se eu estou fazendo isso só porque a coisa me irritou. É como diz o americano: faça a coisa certa. Veja o que é bom realmente naquela situação e faça o que é bom. Às vezes é bom você ficar quieto: não vai valer a pena. Por exemplo, num jantar de família, você não quer estragar aquilo, então deixa o cara falar besteira.

Mas se a coisa já implica alguma responsabilidade social, e você tem os meios de corrigir aquilo, então não hesite em fazê-lo, mas de preferência sem criar discussão. Você tem de dar certas informações que sejam tão básicas e tão bem fundamentadas que não dê para discutir. Então, daí você diz: “cala boca, burro. Eu não estou discutindo com você; você fica quieto e ouve o que eu estou falando.” Eu sempre penso assim: se eu não posso entrar na conversa com este espírito de quem vai ensinar algo, eu devo ficar quieto, senão é apenas bate-boca, discussão. Para que serve isso? Se é para ser um bate-boca é porque a opinião dele vale tanto quanto a minha. E se é uma coisa na qual eu não tenho o conhecimento efetivo, tenho somente uma opinião, que direito tenho eu de querer fazer a minha opinião prevalecer sobre a do outro? Eu tenho a minha e ele tem a dele. Mas se se trata de um erro efetivo que você

pode corrigir com conhecimentos e não com opiniões, então faça isso. Mas deixe para fazer só quando a coisa realmente for útil, como naquele caso era útil: era o sujeito que estava estragando o jantar, estava fazendo todo mundo se sentir mal com aquilo. Eu fui lá e fiz um se sentir mal e os outros todos se sentiram bem.

Aluno: Professor, numa aula do COF, o senhor tinha dado uma dica para treinar a escrita copiando autores de boa qualidade. O senhor poderia dar umas dicas práticas a este respeito? Como fazer isso? Que tipo de texto eu faria copiando um autor, por exemplo?

Olavo: Aí todo o problema é uma questão de ouvido. Naturalmente você não vai escrever as mesmas palavras que ele escreveu sobre o mesmo assunto dele, porque daí você não está imitando, você está copiando. Você vai falar de outra coisa com outras palavras. Mas o critério todo está no ouvido: está soando como se fosse ele. É puro ouvido. Lendo a coisa (e às vezes você não precisa nem ler em voz alta), às vezes o ouvido imaginário já capta. Se você pegar dois autores muito diferentes e tentar copiá-los, você vai sentir a diferença. Porque, por trás de todo escrito, há um critério estilístico consciente que o sujeito escolheu: ele escreve assim porque ele quer escrever assim; não é uma coisa assim tão natural. E se for natural, é porque os critérios, as escolhas que ele fez, já estão tão profundamente arraigadas nele que ele não precisa pensar naquilo para decidir como ele vai escrever isso ou aquilo. Mas esses critérios sempre podem ser puxados de dentro da escrita e até expressos em palavras. Por exemplo: a escolha do vocabulário.

Se você pegar, por exemplo, o Graciliano Ramos: ele nunca usaria um termo erudito se ele pudesse usar um termo popular; nunca usaria uma palavra rara se ele pudesse usar uma palavra de uso corrente. São critérios. E é coisa dele: não é necessariamente assim para todos; há escritores que não fazem isso. Ele nunca faria uma frase de quatro palavras se ele pudesse fazer uma de três. Mas há escritores, ao contrário, que fazem períodos de vinte linhas. Por que ele faz? Porque ele decidiu fazer assim por tais ou quais motivos. Então, é você captar esses motivos. Não precisa captá-los intelectualmente, mas perceptivamente; sentir a coisa, mesmo que você não consiga expressar em palavras. Na verdade, até para você expressar, você precisa aprender a imitar primeiro. E imitar é realmente pelo ouvido.

Existe uma interessantíssima crônica do Machado de Assis que chama “Um cão de lata ao rabo”.² Alguém amarrou uma lata no rabo do cachorro, e ele vai descrever aquilo em três estilos, de três grandes escritores. É uma paródia evidentemente, mas mostra que ele entendeu perfeitamente os princípios estilísticos daqueles escritores. Todo escritor que tem uma grande habilidade sabe imitar os outros. Quer dizer: ele escreve do jeito dele porque ele quer; se ele quisesse fazer do outro jeito, faria. Ele tem de ter o domínio da coisa.

Um estilo literário não é um produto da natureza: ele é obra de meditação, escolha; [1:20] é uma coisa muito séria. Claro que em alguns casos o estilo é uma obra mais refletida e mais pensada; em outros casos é mais espontâneo, mas nunca é totalmente espontâneo. Por exemplo, para quem lê francês,

² <http://www.machadodeassis.ufsc.br/obras/contos/avulsos/CONT0.%20Um%20cao%20de%20lata%20ao%20rabo.%201878.htm>

experimente ler André Gide e ler Léon Bloy. André Gide quer fazer tudo o mais educado possível, mesmo quando diz coisa importante ele quer fazer parecer que não está dizendo nada: ele não quer fazer barulho. E o Léon Bloy é ao contrário, ele quer chocar as pessoas; ele quer ofender. Mas é da natureza dele. Só que ele sabe transpor essa natureza num estilo literário. Ele sabe escrever parecendo que ele é ele mesmo. Você imitar esses dois seria uma maneira. O Léon Bloy era um sujeito que decidiu viver como um mendigo para não ter compromisso com ninguém. Evidentemente levava uma vida miserável. Por causa disso, ele podia dizer as coisas como lhe vinham à cabeça. E realmente são coisas horríveis: é impossível você ler e não ficar ofendido, em algum momento.

Se você ler George Bernanos – não os romances, mas os livros de polêmica que são tão bons quanto os romances –, ele quer falar de um jeito que é como se toda a geração dele estivesse falando. Então ele faz você se sentir envolvido naquela coisa como se não fosse o discurso de um indivíduo, mas é o *nosso* discurso, é você que está falando.

Aluno: Sem usar o plural?

Olavo: Sem usar o plural. O que ele faz? Ele usa, por exemplo, acontecimentos públicos que todo mundo ficou sabendo; as experiências vividas em comum; ele toda hora está evocando isso aí. Fica muito bonito!

Outro escritor maravilhoso para você aprender é Ortega y Gasset. É o maior prosador da língua espanhola. De ofício ele era um filósofo, mas era um tremendo escritor, um escritor maravilhoso. Como filósofo ele não é tão importante assim. A idéia dele era fazer com que as idéias que estava expondo se tornassem claras plasticamente (não só logicamente) de modo que você visse aquilo, que aquilo doesse em você, que ficasse tão claro, tão claro, que era como se você mesmo tivesse pensado. E ele consegue fazer isso. Você pode tentar imitar. Eu imitei todos esses. Eu estou falando de caras com quem eu aprendi: eles foram meus gurus literários.

O Otto Maria Carpeaux era eminentemente um intérprete das coisas, das idéias, das obras de arte, dos monumentos etc., e ele sabia que no mundo das humanidades tudo só se torna claro pelo contraste. Quer dizer: a dialética é a regra dessas coisas: você entende uma coisa pela coisa contrária. Então o que ele faz? Ele vai armando as contradições: é assim, mas parece que é de outro jeito, e um terceiro diz que é de outro jeito. Ele não diz o que ele pensa. Ele vai assim como um peixe, nadando no meio das contradições e aos poucos as coisas vão se esclarecendo. Só que às vezes você não fica sabendo o que ele realmente pensa porque não é disto que se trata: ele está tentando explicar o que outros quiseram dizer e mostrando isso através de contrastes e contradições. Muita gente não entende o Carpeaux. Acho que é por causa disso: ele é sutil demais. Não é que não entende, entende o que ele está dizendo, mas acha que é opinião dele, quando às vezes não é. Ele usa muito assim: assumir a palavra em nome de um terceiro, sem dizer que é um terceiro que está falando.

Existem todos esses truques: cada um desses estilos expressa um temperamento que o indivíduo conseguiu transpor numa personalidade literária. Você nasce com um temperamento e desenvolve uma personalidade

ao longo da vida, mas a personalidade literária tem de ser criada. E ela é criada por escolhas. E a sinceridade, a autenticidade dessas escolhas determina a autenticidade do estilo: o sujeito realmente escreve como ele mesmo.

Quando você lê Frank Raymond Leavis, (um autor que eu adoro) crítico literário inglês, ele escreve tão complicado, mas tão complicado, mas tão complicado que você fica com raiva. Só que ele está falando para estudantes de Letras de Oxford; então ele está dizendo: se você não entende isso dito assim, então é porque você não merece estar estudando esse negócio. Dane-se! Quando você entende o que ele está falando, você vê que é muito elegante: num único parágrafo consegue pegar toda uma complexidade de idéias, tudo junto: não é fácil escrever assim.

Isto quer dizer que não existem virtudes uniformes no estilo. Por exemplo, a clareza não é uma virtude uniforme: às vezes ela é uma virtude, às vezes não é. Mas às vezes o indivíduo capricha tanto nos seus princípios estilísticos que eles se tornam artificiais, eles viram como se fossem outra língua; é o que faz o João Guimarães Rosa. Eu não gosto de ler João Guimarães Rosa: as idéias dele são ótimas, mas a linguagem dele, sinceramente, me embrulha o estômago. Você não pode aprender a escrever, lendo Guimarães Rosa. É impossível! Ou James Joyce. Eles inventaram outra língua: escapa do diálogo humano normal.

Eu imitei muitos escritores, muitos, muitos, muitos. Às vezes propositadamente ou às vezes, simplesmente quando estava escrevendo um artigo de jornal, eu falava: vou puxar aqui pelo estilo de fulano ou fulano porque é o que convém no momento. Sempre fiz isso. Agora, é claro que se você realmente tem algo a dizer, você vai ver que nenhum dos estilos que você copiou é inteiramente apropriado, você vai ter de combiná-los de uma maneira que sirva para os seus propósitos.

Aluno: Um dos grandes trunfos para a nossa educação são os verdadeiros amigos. Mas quando não se tem esses amigos por perto, sente-se uma solidão intelectual. O que tem me impressionado é o fato de que, mesmo nessa solidão, tenho conseguido suportar muito bem e estou achando que tenho uma força interior muito grande. Será isso, professor, ou estou me enganando? Até que ponto a solidão pode ajudar ou atrapalhar?

Olavo: Quem deu a fórmula disso foi Goethe; ele disse: “O talento se desenvolve na solidão e o caráter, na agitação do mundo”. Você pode ter aprimorado muito o seu talento, aprender um monte de coisa na sua solidão, mas depois, quando você sai para o mundo, você leva porrada e não sabe por que e não sabe o que fazer com as porradas. [1:30]

Também há outra coisa: se você quer escrever, tudo o que se escreve, escreve-se para alguém. Não basta você ter definido a sua personalidade, o seu estilo, os seus critérios, você vai ter de modular isso conforme o ouvinte que você está querendo atingir, e este ouvinte pode ser variável. Se você acompanha os meus artigos no *Diário do Comércio*, você vai ver que alguns artigos eu escrevo para todo mundo e outros eu estou escrevendo só para os meus alunos. Neste caso eu não faço questão de ser muito claro. Não, você vai ter de entender assim porque, se eu fosse explicar, precisaria escrever vinte páginas. Então se vira! Então, a consciência que você tem de qual é o público

vai modular a sua escrita. Claro que para chegar a isso, você já precisa ter um domínio. (Alguém aqui está perguntando em que obra do Goethe está essa frase sobre talento e solidão. É no livro de memórias *Poesia e Verdade*. Se não foi lá, foi nos diálogos com Eckerman: *Conversações de Goethe com Eckermann*.) Você precisa experimentar essas duas coisas. Um longo estudo solitário pode realmente criar ilusões a respeito de você, não sobre a sua inteligência, nem sequer sobre a sua capacidade de sobrevivência, mas sobre a sua coragem. Existem grandes eruditos que foram grandes covardes.

Aluno: A pergunta é como um grupo de amigos pode impedir essa tendência no ambiente hostil.

Olavo: De cara, se você tem um grupo de amigos qualificados, você já está selecionando melhor quem você quer agradar e quem você não quer. É melhor do que você querer agradar todo mundo ou querer agradar quem não merece. Claro que o grupo de amigos tem essa função, mas também não é ele que deve ser a sua referência básica, senão você se torna apenas um parasita do grupo de amigos. Você tem de ter algo para dar para o grupo de amigos, e este algo que você tem para dar certamente você não recebeu deles. Então esta parte você tem de buscar sozinho. Mas o grupo de amigos exerce uma função educativa quando ele junta várias gerações, como esses círculos que nós tivemos falando — o pessoal do Max Weber e vários círculos de intelectuais que sempre existiram. Então os mais jovens vêem os mais velhos discutindo e aprende muita coisa com isso.

Mas o que eu pude observar na minha experiência pessoal é que os velhos que sobraram no Brasil, e que eram o que havia de melhor nos anos 70 e 80, eles já não tinham para quem falar; eles viviam numa solidão. O pessoal novo não era capaz de acompanhar o que eles estavam fazendo. A complexidade, a riqueza do mundo interior de um cara como Josué Montello ou Herberto Sales ou o próprio Meira Penna o pessoal novo acompanhava mal. Do Meira Penna não, porque ele tinha uma facilidade de comunicação extraordinária, mas os outros já viviam numa grande solidão. Durante muito tempo eu fui o público deles, eu sabia o que eles tinham feito, eu entendia o que eles estavam tentando fazer e vi de alguma maneira os últimos vôos deles antes de entrar na grande noite sombria. Porque no final da velhice o sujeito apaga mesmo; não tem jeito. Alguns durante anos e outros durante três dias, mas a coisa apaga e o sujeito sabe que está apagando.

Por exemplo: quando saiu o livro do Herberto Sales, *A vida de Jesus*, o livro já era ruim. Eu falei: Este já não é mais o Herberto Sales, ele já não tem mais o domínio. E logo depois ele morreu. Mas um cara como o Paulo Mercadante, quando saiu *A coerência das incertezas*, eu falei: Não, espera aí, o homem está quase nonagenário e ainda funciona. Um autor difícilíssimo de ler: Paulo Mercadante. Muito difícil: não é um estilo claro, é um estilo alusivo, cheio de alusões, e ele escreve para quem conhece o assunto.

Aluno: Ali o problema maior é que dá a impressão de que ele fundou uma área de estudo, uma ciência. Ele não tem interlocutor.

Olavo: Ele não tem interlocutor – o interlocutor dele era eu, que estava entendendo o que ele estava fazendo –, não tem público qualificado para aquele livro: não saiu um comentário, uma crítica, nada, nada, nada. Nem no

próprio *Globo*. Ele era advogado do *Globo*, era da diretoria. Nem o próprio jornal falou nada, porque os caras leram, não entenderam nada: *então vamos esquecer isso aqui; vamos fazer de conta que não lemos porque senão vamos ter de confessar que não entendemos*.

Aluno: A impressão que eu tenho, às vezes, é que na passagem dos anos 60 para os anos 70, abre-se uma espécie de abismo entre duas gerações. E a geração mais nova parece que é sugada pelo problema político...

Olavo: Entre os anos 70 e 80 aparece realmente esse abismo de gerações. Esse abismo parte, ele vem, pela injeção maciça de elementos estrangeiros através, sobretudo, da televisão, dos computadores etc.: isso ocupa todo o espaço e perde-se, então, o fio de continuidade da história intelectual nacional. Então você encontra, por exemplo, pessoas que leram todos os romancistas americanos mais importantes dos últimos anos, mas que não conhecem a literatura brasileira, o que é uma desgraça porque daí o sujeito começa a imitar modelos lingüísticos de uma língua estrangeira que não se adapta bem ao português. São pessoas que escrevem com uma sintaxe inglesa. É horrível isso aí. Não posso citar nomes, mas vocês sabem.

Aluno: Lendo artigos da Civilização Brasileira, você vê poucos autores dos anos 50 escrevendo nela, e o que mais aparece é o Carpeaux, mas ele não escreve igual ao que é da área ...

Olavo: Sim, mas no caso, a *Revista Civilização Brasileira*^v era a elite do Partido Comunista e os seus colaboradores mais próximos, os seus companheiros de viagem. E durante um tempo esta revista adquire uma importância extraordinária porque era onde estava se elaborando a reação da esquerda à nova situação política. Ou seja: depois do Golpe, a esquerda caiu do cavalo e então, naturalmente, ela começa a pensar: *o que foi que aconteceu? Onde foi que nós erramos?* etc. Naturalmente, há um aprofundamento intelectual. Coisa que o pessoal da direita não fez até hoje: até hoje os conservadores não foram capazes de fazer esta pergunta “onde foi que nós erramos?”, porque eles acreditam que não erraram. Eles acreditam que o inimigo não existe, que o comunismo acabou etc., então não precisa pensar nada. Mas o pessoal da esquerda tinha consciência da sua derrota e usou essa revista como centro das suas discussões. É claro que essa revista tinha um interesse especializado, específico, mas durante algum tempo ela se torna a revista cultural mais importante do Brasil. Então acontece isso que você disse mesmo: houve uma espécie de politização do debate: só aquilo que era importante para a esquerda, naquele momento, atrai a atenção e é objeto de um debate culturalmente relevante; o resto desaparece. Isso aí acontece.

Também aconteceu que, como a esquerda perdeu o poder político, ela se apegou ao poder que tinha nos meios que dominava (meio editorial, algumas universidades etc.), e aí começou a boicotar os adversários: adversários reais ou imaginários, próximos ou remotos. Então, na medida mesmo em que esse pessoal de esquerda foi adquirindo a hegemonia nesse meio, todos os autores e idéias que não interessavam à esquerda desapareceram do cenário.

Aluno: O exemplo que vem para mim — algo que eu estou estudando recentemente — é o seguinte: o Antonio Olinto publicou A Casa da Água em

1969. Você não encontra a crítica do livro no Brasil, a não ser um ou outro jornal.

Olavo: Isso não foi coincidência. Você está falando do caso do romance do Antonio Olinto, *A Casa da Água*, que foi traduzido em não sei quantos idiomas, foi sucesso no mundo inteiro e é um clássico da literatura brasileira e que só tem comentários a respeito até certa data, depois pára. Isso não foi coincidência; isso não foi reflexo de uma mudança mental espontânea: isso foi uma decisão do Partido Comunista. A decisão é a seguinte: do Antonio Olinto não se fala. Quando voltaram a falar, passado trinta anos, daí deram lugar para ele na Academia Brasileira. Mas o Antonio Olinto foi talvez o homem mais gentil que eu conheci na vida, ele jamais se ofendeu com nada, e ele tinha aquela tranqüilidade: “eu vou ganhar a parada no fim”. E ganhou! Quer dizer, tiraram o sujeito do ostracismo total e botaram na Academia.

Aluno: Enterraram.

Olavo: De algum modo enterraram, mas é um reconhecimento, afinal de contas. Quer dizer: eles não conseguiram enterrá-lo. E ali é um caso extremo de ingratidão esquerdista, porque o Antônio Olinto ajudava tudo quanto é esquerdista no exílio. Até Caetano Veloso e outros estiveram escondidos na casa dele na Inglaterra.

Aluno: Eu encontro muita história sobre ele, memórias sempre neste sentido de que ele era um homem da esquerda, mas não há referência ao trabalho literário dele.

Olavo: Há comentários políticos dele importantíssimos, onde ele praticamente prognostica o que vai acontecer no Brasil nos anos seguintes; um homem de uma lucidez extraordinária.

Esta política de exclusão dos divergentes foi adotada nesses meios limitados, mas depois foi adotado na grande mídia também. Isto quer dizer que muita coisa importante desapareceu. Por exemplo: quando excluíram o Gustavo Corção do *Globo*, foi coisa do Partido Comunista mesmo; do Luiz Garcia: “Tem de tirar o homem daí”. Então se inventa um pretexto qualquer: diz que o que ele está escrevendo é muito chato. Podia ser chato, mas tinha muita gente interessada. O caso do Gilberto Freyre^{vi} também foi uma decisão comunista: do Gilberto Freyre não se fala! Então, durante trinta anos, na sociologia USP, não se podia falar do maior sociólogo brasileiro. Quando veio o centenário do Gilberto Freyre, fizeram lá uma sessão em homenagem ao cara e reconheceram da boca para fora, a contragosto: “De fato, não conseguimos enterrá-lo, então agora que já está morto mesmo vamos conceder-lhe umas palavrinhas”. Um negócio de uma hipocrisia monstruosa. Nós estávamos lá; nós vimos isso. E estava lá a família do Gilberto Freyre e eles estavam percebendo a hipocrisia toda; ficaram loucos da vida. Mas o Gilberto Freyre nunca precisou da USP. Em Pernambuco, que era a terra dele, a região dele, ele continua sendo o ídolo local. Então você compara. Nós íamos à Fundação Joaquim Nabuco, que era um negócio milionário, tinha uma sede maravilhosa, e depois ia lá naqueles barracos da USP, eu falava: “Finalmente ele conseguiu ser honrado nos barracos da USP”. Como se ele tivesse precisando disso.

Esse abismo aconteceu mesmo. Primeiramente, por motivos políticos, mas eu acho que não foi esse o fator decisivo. O fator decisivo foi quando botaram o tal do socioconstrutivismo nas escolas e tornaram as pessoas incapazes de ler. Aí não tem mais jeito.

Aluno: O caso do Wilson Simonal, não é uma prova do poder da esquerda?

Olavo: Sim, na cultura popular eles têm um poder extraordinário: quem pode gravar disco ou quem não pode, eles escolhem. Eles enterraram o Wilson Simonal, enterraram o Geraldo Vandré, enterraram um monte de gente. Que isso aconteça na cultura popular não é uma desgraça tão grande: afinal de contas ficar sem os discos do Simonal não vai fazer uma grande falta para a humanidade.

Aluno: É uma prova do poder da esquerda.

Olavo: Sim, é uma prova do poder. Mas o que eles fizeram na esfera da alta cultura teve conseqüências de longo prazo. Não é simplesmente um nome esquecido. O problema não é que foi um nome esquecido ou injustiçado: o problema é que as pessoas se tornaram incapazes de absorver esse material; é como se desligasse uma parte não só da memória, mas uma parte da inteligência. E a terceira conseqüência: tudo o que vai acontecendo na sociedade brasileira nesse período não é documentado nem na esfera do debate intelectual, nem na esfera da literatura, nem do cinema, nem nada, nada, nada, nada. Veja que os aspectos que chegaram a ser documentados, por exemplo, no filme “Central do Brasil” e no filme “Tropa de Elite”, são aspectos muito específicos e locais, coisas do Rio de Janeiro, e só. E só aqueles aspectos que são espetaculares o suficiente para aparecer na mídia. Quer dizer: é impossível o sujeito viver no Rio de Janeiro e não saber que ele está correndo perigo. O pessoal da classe artística chega até a perceber isso e documentar um pouquinho.

Aluno: E depois se arrependem.

Olavo: E depois se arrependem do que fez. Mas isso aí é um nada: são trinta anos de história social de um país que tem cento e oitenta milhões de habitantes, e não aparece nada na literatura. A própria vida da classe intelectual não tem documento nenhum: você não encontra um livro de memórias, você não encontra um romance, uma peça de teatro, nada que mostre como eles vivem, o que eles pensam, o que eles sentem. Teve um hiato de memória de trinta anos. E as pessoas nascem já dentro de uma situação que, não tendo história, aparece para as **[1:50]** pessoas como um poder mágico: não tem explicação, veio do nada. E é dentro disso que vocês estão vivendo.

Estou falando: não tem outro jeito senão você rastrear e contar o que aconteceu. O trabalho que tem a fazer é imenso. Tem todo esse trabalho interior, que estávamos falando, sem o qual não vão chegar a nada. Eu observo nos alunos, às vezes na conduta pessoal ou nas intervenções que eles fazem no *Facebook* ou nas mensagens que mandam no *Youtube*, observo falhas de percepção e de educação monstruosas, que às vezes vêm da casa. Eu digo: eles vão ter de repassar tudo isso. Na conduta do homem adulto, você vê que ele ainda está como que respondendo ao seu pai ou sua mãe, sem

perceber – seu pai, sua mãe, seus irmãos, seus primeiros coleguinhas. Quer dizer: o cenário mental em que ele vive ainda é o mesmo, ainda que esteja entre outras pessoas, fisicamente. Então esses padrões de conduta, esses papéis que você aprendeu a desempenhar ou que você escolheu desempenhar, um dia você vai ter de trocar todos, e dizer: *acabou aquela peça, agora o enredo é outro, eu estou falando com outras pessoas*. Isso é uma espécie de psicanálise que você vai ter de fazer. A eficiência do que você faz para fora é determinada pela profundidade que você penetrou para dentro. Se você consegue ir lá, até a raiz do que você está fazendo, então o que você faz sai com alguma forma, e mesmo que você não tenha os canais sociais para fazer valer as suas opiniões, elas vão pesar. É a força intrínseca da autenticidade, da verdade, que é a única força da vida intelectual e, sobretudo, da vida literária. O fingimento, a falsidade, a hipocrisia, em literatura, é mortal: você começa a ler, soa falso, você pára imediatamente.

Eu vejo nos escritos que as pessoas me mandam (poemas, ensaios etc.), não é que está ruim, é que está falso, o sujeito não acertou ainda o tom. Quando eu digo abstinência de opiniões é por isso: você não está pronto ainda; você vai sair e vai apanhar. E o que vai dar força é justamente esse aprofundamento, por assim dizer, essa presença sua diante de Deus, onde você aparece pelado diante de Deus, e você sabe que Ele vê tudo e você se acostuma com a idéia: *eu não sei o que Deus está pensando, mas Ele sabe o que estou pensando*. Sobretudo quando você reza (isso é coisa básica), saber que a prece está sendo ouvida naquele mesmo momento, ter essa consciência da prece, da confissão. Agora, se você teve a experiência do lado repressivo, atemorizante da autoridade religiosa, você aprendeu a ser um hipócrita diante de Deus desde pequenininho. Você aparece diante de Deus se acusando, querendo parecer bonzinho: não vai funcionar. Às vezes leva anos para você se livrar disso: é um hábito inconsciente, ele volta, e volta, e volta. Aí você tem de corrigir: não é assim! Estou falando com outro que não é Deus, estou falando com o padre da paróquia, estou falando com as velhas fofoqueiras da vizinhança, estou falando com alguém que me julga com malícia. Onde tem uma malícia, não tem Deus. Deus não tem malícia nenhuma. Deus não tem nada contra você. Este *caminhar diante de Deus* é a base da sinceridade e é a base da força da palavra. A palavra tem força quando ela vem muito do fundo. Senão, não! E vir muito do fundo não quer dizer a intensidade da sua emoção, não quer dizer nada disso porque tudo isso é teatro: é a verdade do seu coração. Isto você tem de buscar vinte e quatro horas por dia.

No caminho disso, você vai perceber quantas condutas imitativas você aprendeu – às vezes imitar aquilo que você mais detesta. Por exemplo, na escola nós aprendemos a imitar os mais descarados e cafajestes porque isso nos dá um senso de que nós estamos sendo defendidos. Todo mundo aprendeu isto. Tem de jogar fora! Nem sempre você imita o que você admira: às vezes você imita simplesmente o que você teme. É uma tentativa de exorcizar; quer dizer: ficando igual eu neutralizo. Na hora funciona, mas no longo prazo, uma vez que você aprendeu a imitar, você vai continuar imitando. Contra essa espécie de imitação semiconsciente, você pode opor a imitação consciente daquilo que você realmente deseja imitar. E onde não tem mais quem imitar, daí você inventa. Esse aprendizado da vida intelectual implica toda uma operação psicológica de grande porte que não há quem faça; não tem nenhum psicoterapeuta que vai ajudá-lo nisso. E eu também não vou ajudá-lo – eu estou lhe dando a dica, mas eu não vou poder fazer isso com você;

acompanha-lo no dia a dia. Graças a Deus, porque eu não teria paciência para fazer isso. Quando o indivíduo começa a entrar muito nos detalhes da sua vida pessoal, eu me desinteresso completamente. Eu sei a forma, eu sei lhe explicar como fazer, mas eu não vou poder lhe dar um guiamento pessoal nisso aí e não conheço quem possa fazê-lo.

Uma coisa muito boa é você ler os diários de grandes escritores. Por exemplo: Julien Green tem um diário que, acho, é o maior diário da história da literatura universal. São oito volumes de mil páginas; são cinquenta anos de vida, sobretudo de vida interior. E você vai vendo os dramas, as dificuldades... O próprio diário de André Gide. André Gide, na verdade, não era um gay, ele era um pedófilo, no fim das contas. Então o sujeito podia ser um pedófilo – ele ia à Argélia comer aqueles menininhos – e, no entanto, era um homem que tinha integridade: ele sabia das suas deformidades, das suas dificuldades, e sempre tentou ser o mais sincero que podia. É bom você ler isso. Para essas pessoas que, só porque entraram para a Igreja Católica acham que são melhores do que os outros, está aqui: eu vou dar o diário de um pedófilo para você ler e você às vezes vai ficar envergonhado com a grandeza dele. O que não quer dizer que não cometesse erros monstruosos e que não exercesse, às vezes, uma influência nefasta sobre as pessoas; também acontece isso. [2:00] Mas você veja que um dos grandes amigos dele era o François Mauriac^{vii}, que sempre foi um católico, até carola, desde o início. Então vocês leiam o diálogo entre Mauriac e Gide.

A literatura universal está cheia desse patrimônio de experiência humana, e isto para a sua educação é fundamental. Diários e livros de memória são importantíssimos para a formação psicológica e moral das pessoas. *O Diário de Amiel*. Amiel era um filósofo suíço, que era um tipo de personalidade amorfa: ele não conseguia fazer nada, e tudo o que ele decidia fazer ele acabava não fazendo, e ele foi fazendo o diário dos seus fracassos. Quando terminou o diário, o diário era uma obra-prima. Eu digo: o que você ia fazer era exatamente isso aí. Biografias, autobiografias e diários são muito importantes. Isso é muito melhor do que qualquer técnica psicológica que você queira. Às vezes depoimentos de pessoas próximas também, onde você vai vendo o drama da formação intelectual das pessoas. O livro que a esposa do poeta russo Óssip Mandelstam escreveu sobre a vida e os sofrimentos do marido dela (são dois volumes grossos), coisa importante. A mulher do Arthur Koestler escreveu coisas importantes sobre ele também.

Se você perguntar assim: de quantas pessoas eu conheço a história da sua formação interior? Se você falar “zero”, então você nem começou ainda. Você não conhece nem a dos outros, quanto mais a de você mesmo; porque a dos outros pelo menos está escrita, a sua não está ainda. O número de biografias e autobiografias que eu li! Eu sempre fui maníaco disso, além de uma infinidade de pessoas que me contaram suas vidas – quisesse eu ouvir ou não, elas contavam. Os desgraçados que vêm me pedir conselho: “Ah, a minha mulher fez isso”. Eu tenho de prestar atenção, com toda a boa vontade. Eu odeio fazer isso, mas, quando eu decido fazer, eu faço a sério. Se o sujeito me convence; se ele fala: “Você vai ter de me ouvir, senão eu vou estourar os miolos”, eu falo: Está bem, meu filho, então senta aí... Eu nunca gostei de chegar para ninguém pedindo conselho, contando a minha vida. Mesmo quando tinha bom conselheiro, eu poupava. O dr. Müller eu poupei muito. Eu só contava para ele

quando: “agora não tem jeito, agora eu não estou entendendo mesmo, eu preciso de ajuda mesmo, me dá dez minutos...”

Mas esses diários clássicos, eu recomendo que você leia tudo o que puder para você ter superfície de comparação. Você verá que entre os escritores o exercício da sinceridade narrativa é uma coisa fundamental: todos eles fizeram isto. E eles não escrevem diários para se mostrar melhores do que são: eles estão tentando entender o que acontece. Então, você tem um mostruário da sinceridade universal ali. Claro que tem livros de memória que são falsificação completa, como Jean-Jacques Rousseau, mas tem momentos em que o próprio Jean-Jacques Rousseau fala a verdade, e são momentos magníficos.

Aluno: O seu amigo Obama.

Olavo: A autobiografia do Obama é tudo mentira: é propaganda eleitoral. Este não serve. Aliás, não foi ele quem escreveu: ele pediu para outro escrever. Até a autobiografia dele não é auto, é heterobiografia. Mas esse é um caso extremo; esse é pior do que Jean-Jacques Rousseau. Ele pelo menos não era candidato a nada.

Esse foi o curso que eu mais gostei de dar, porque eu tenho certeza de que tudo o que eu disse aqui ninguém nunca mais disse, e que foram coisas que eu tirei não de estudos, mas realmente de experiências. E garanto para vocês: tudo o que eu transmiti aqui funciona, porque funcionou para mim. E vai funcionar para vocês também.

Até a próxima, muito obrigado.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu.

Revisão: Eduardo Garcia de Queiroz.

i
ii
iii
iv
v
vi
vii